

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES**

COMUNICAÇÃO DAS ARTES DO CORPO

PUC-SP

Casa Líquida

**o desafio de testar uma casa como ação performativa, fluxo de desejo,
movimento ...**

Orientadora: Christine Greiner

Aluna: Juliana Garcia Feldens

São Paulo

2018

Eu vou falar de uma experiência

Nela existem muitas coisas. Existe casa, existe gato, existe grama, existe folha, existe pedra, existe céu, existe criança, existe mãe. Existia uma árvore que era muito grande, e que deixou de ser árvore porque existe a tempestade. Mas tudo isso só existe mesmo porque numa experiência existe o tempo.

Vou fazer um relato pessoal de uma experiência impessoal. Vou relatar uma performance que foi a ativadora de uma pesquisa. Vou relatar uma pesquisa que nasceu de uma performance e uma reflexão que é mais *sob* uma experiência do que *sobre* ela.

Falar de uma experiência talvez seja, o tempo todo, reafirmar um coletivo. Não existe a casa, o gato, a grama, a folha, a pedra, o céu. A casa está casa por causa do gato, da grama, da folha, da pedra, do céu... O gato está gato por causa da grama, da folha, da pedra, do céu, da casa... A criança está por causa de todos os outros, e eu também.

Construir uma experiência talvez seja fazer as pazes com o tempo. Olho para esse instante e vejo que tudo só é possível porque nada foi dado *a priori*, nem nada esperado. O momento mostra. É no “agora” que residem as perguntas e as respostas. O presente é a chave. Olha, está aqui.

No começo de 2015, encontrei-me com alguns textos de autores que pensam a performance como “um gênero artístico que escapa a qualquer formatação” (FABIÃO, 2008, p. 26), “um gênero multifacetado” (FABIÃO, 2008, p. 35), no qual “a pluralidade temática dá ao performer completa liberdade de escolha, de formas de expressão” (GLUSBERG, 2013, p. 77). Performance como uma linguagem que se caracteriza pela existência de uma ação política praticada por um corpo na sua centralidade, ação que desencadeia uma mudança. Uma espécie de prática “operadora de transformação” (GLUSBERG, 2013, p. 66), “operadora de desestabilização” (GREINER, 2013, p. 11), uma ação que “cria situações que disseminam dissonâncias diversas” (FABIÃO, 2008, p. 41).

Entender a performance como algo tão amplo me abriu um campo imenso de possibilidades, e compreendê-la como um instrumento desestabilizador me seduziu a pensar em uma performance que me possibilitasse ao longo dos anos performar e, simultaneamente, desenvolver uma pesquisa científica a partir do que essa ação fosse gerando.

A Casa Líquida, nome que dei à ação performativa que realizo há três anos na minha casa, nasceu de um desejo.

Em 2014, mudei-me com meus dois filhos, Antonio e Heitor, para uma casa grande que possui uma sala de vidro que dá para um jardim. Com o tempo, fui percebendo que havia em mim um desejo, que na época entendi como sendo de partilha: vontade de partilhar nosso espaço privado.

Meses atrás, li um artigo da escritora e feminista italiana Silvia Federici, no qual ela cita as iniciativas de um grupo de feministas do séc. XIX que “convencidas de que o espaço doméstico implicava um ‘componente espacial na opressão das mulheres’, organizavam cozinhas comuns e casas cooperativas” (FEDERICI, 2017, p. 27); isso me fez compreender que o que, na verdade, estava em jogo para mim naquele início era um desejo de abertura. De abrir o claustro privado e deixar porosos nossos corpos. Um desejo de des-individação, de des-posseção, de libertação.

Em setembro de 2015, decidi que a ação política e conceitual dessa performance seria abrir nosso espaço privado para outros usos e para uma coletividade, e que os corpos que estariam na centralidade dessa ação seriam eu, Heitor, Antonio e nossa casa.

A ação teve início no dia em que fiz algumas fotos nossas com os dizeres “Queremos conhecer pessoas!” para então postá-las em minha rede social. Tornar minha vontade pública, na forma de um pedido, foi como jogar um fio de seda ao vento e esperar para ver onde ele pousaria.

Ele pousou e nos trouxe um grupo de seis mulheres que por três meses ensaiaram um espetáculo de teatro na nossa sala.

Aos poucos, fui entendendo no que nossa casa foi se transformando, e que vocação tinha este novo lugar. Aos poucos, fui entendendo como nós três fomos nos reinventando e que novos desejos brotavam de nós.

Desde então, nossa casa abriga artistas que precisam de um lugar para criar e desenvolver projetos; eles têm a chave da casa e a frequentam nos horários combinados. Não cobramos nada, e as regras e acordos são feitos dependendo das necessidades de cada projeto. Há um ano e meio, devido à pesquisa estar numa outra fase, e com outras necessidades de

aprofundamento, passei a convidar artistas para morarem com a gente e dividirem a rotina da casa.

Todas as pessoas que por aqui passaram e que ainda chegam, enredaram-se nessa teia e se tornaram parte da rede, rede esta que começou a se tramar há três anos e que a cada dia torna-se mais forte e mais extensa. Hoje, agosto de 2018, mais de trezentos artistas passaram pela nossa casa e mais de cinquenta projetos já foram desenvolvidos aqui.

Nós quatro continuamos nos reinventando a cada dia; e eu preciso estar sempre atenta ao que o momento me mostra. Que outra vocação tem este lugar agora? Que novos desejos nos movem?

Pretendo, ao falar dessa experiência, refletir sobre as dissonâncias e desestabilizações que tal performance desencadeia no mundo. Como a Casa Líquida penetra pelas frestas e amolece estruturas. Como essa ação gera “quebras especulares”, como lindamente propõe Glusberg ao falar da potência de uma ação performática. Em que dimensão política essa nossa ação atua e como opera para transformar a realidade.

Também pretendo relatar minha experiência como performer e pesquisadora, meu fazer e pensar; ou, como propõe a filósofa e artista Erin Manning, que procura refletir sobre uma “escrita-pensamento”, como é meu “fazer-pensar”, minha forma de atuar no mundo sendo essa atuação o meu pensar sobre ele e vice-versa.

Para tal aventura, carrego comigo alguns teóricos que são fundamentais para eu enxergar o que está aqui, mas não estou pronta para ver; para compreender o que experimento; para subverter o que me enrijece. Óculos, lentes de aumento e caleidoscópios são, principalmente, os pensamentos da Christine Greiner, da Erin Manning e de todos os outros que falam com elas.

Uma casa estranha

Jorge Glusberg, teórico e artista argentino que considera o performer como um “agente de transformação”, lembra-me que “nenhuma performance pode ser vista isolada de seu contexto [e que] a vida em sociedade será uma das maiores fontes de elementos para arte da performance” (GLUSBERG, 2013, p. 72). O performer mexicano Eduardo Flores me diz: “a matéria da performance é a vida, seja do espectador, do artista, ou ambas” (FABIÃO, 2008, p. 13) e Eleonora Fabião me explica que “a arte do performer trata de evidenciar e potencializar a mutabilidade e a vulnerabilidade do vivo e da vivência” (FABIÃO, 2008, p. 13). Tudo faz tanto sentido quando penso no que éramos há três anos e por que a Casa Líquida como ação performática evidenciou o meu desejo e iniciou nosso processo de libertação.

A nossa ação de tornar-se disponível para o outro desencadeia processos e ativas reflexões não só em mim, performer-pesquisadora, mas em todos que de alguma forma são atingidos por essa prática.

Para que isso possa ser compreendido, acho importante explicitar o tipo de indivíduo e corpo que estão envolvidos nessa ação e o contexto no qual eles estão inseridos. Indivíduo e corpo que se moldam por uma existência dentro do contexto de uma certa realidade política.

Moro em um bairro de classe média alta, de casas com muros altos e eletrificados, onde a relação com quem mora ao lado é quase nula. O medo e o anseio por segurança proliferam cercas elétricas, dispositivos sonoros, arames cortantes, câmeras ocultas, guaritas blindadas, cães treinados.

O filósofo Vladimir Safatle, ao pensar uma articulação entre afetos e corpo político, localiza o medo como “afeto político central (...) indissociável da compreensão de indivíduo, com seus sistemas de interesses e fronteiras a serem continuamente defendidos” (SAFATLE, 2015, p. 17). Segundo Safatle, há nessa lógica uma construção do outro como inimigo, como aquele que pode me despossuir dos “predicados que possuo e que determinam a minha individualidade, os predicados dos quais sou proprietário” (SAFATLE, 2015, p. 19). Ele e outros pensadores acreditam que vivemos uma época em que o medo excessivo (da violência, da invasão, da despossessão) fez e faz as pontes até o outro virarem grandes muros, e condena o indivíduo a um sujeito encapsulado, impenetrável, inviolável.

Erin Manning, em seu livro *Politics of touch. sense, movement, sovereignty*, fala de um estado soberano cuja construção de um “corpo-político” adjacente é imprescindível para sua manutenção. Para tanto, nega a existência de um corpo sensível, instável, que pela interação se reinventa e impõe a existência de corpos imutáveis, “que se tornam estabilizados, dentro de um imaginário nacional, em categorias preestabelecidas como cidadão, refugiado, homem, mulher, com teto, sem-teto”¹ (MANNING, 2007, p. 15). Manning acredita que essa estabilidade moldada pelo estado soberano é necessária para sua continuidade, porque corpos sensíveis, que se relacionam, criam outros mundos, inventam outras formas de vivências, eliminando o consenso político e instaurando o dissenso.

Portanto, num contexto político e social no qual indivíduos são acuados pelo medo e corpos se tornam estáveis por conveniência de um estado soberano de preservar identidades e categorias; uma mulher, divorciada, mãe de dois filhos, que abre sua casa para uma coletividade, entrega as chaves para desconhecidos e se dispõe à alteridade já cria por si só uma dissonância.

O dia inteiro pessoas entram e saem pelo portão. Meus filhos encontram pelo quintal pessoas que eles nunca viram enquanto jogam bola, eu muitas vezes sou surpreendida ao me deparar com um grupo de artistas que chega à noite para trabalhar na minha sala.

A ação que resolvemos empreender dentro da nossa casa nos obriga a lidar com o medo de uma outra forma, e exercita em nós uma disponibilidade para outro. Essa nossa atitude provoca estranhamento e desestabiliza a crença daqueles que participam e testemunham nosso dia a dia.

Já existe no cerne dessa ação uma força de ruptura com o que está estabelecido, mas com o tempo, pelas transformações que sofremos, nós e a casa, tomei decisões e adotei condutas que provocaram e ainda provocam outras dissonâncias e determinam a maneira que a Casa Líquida, como ação performativa, opera hoje para transformar a realidade.

Uma delas é o fato de eu não cobrar nada pelo uso da sala e nem pela moradia. Não existe uma troca monetária e nem uma “contrapartida”, como muitos artistas gostam de propor. Não espero nada em troca e faço questão de afirmar.

¹ Tradução livre de: “bodies become stabilized within national imaginaries in preordained categories, such as citizen, refugee, man, woman, homed, homeless” (MANNING, 2007, p. 15).

“Quanto você cobra pela sala?” “Nada.” “Mas qual a contrapartida?” “Não tem. Eu empresto a sala para você usá-la. Eu empresto a casa para você morar.” Sempre depois dessa resposta existe uma pausa longa e uma cara de interrogação. O fato é que essa atitude muda tudo. Inaugura-se algo íntimo, imprevisível e uma atenção com a relação que se inicia.

Outra conduta que hoje vejo que foi determinante para tornar este um lugar singular é o fato de minha casa nunca adotar um único formato ou um único conjunto de regras. A casa, como ela funciona, nunca se enquadrou em qualquer categoria. Recebemos vários tipos de artistas, que trabalham com as mais variadas propostas, nos mais diferentes acordos. Aqui é um lugar de ensaio, mas também é um lugar onde artistas abrem processos para o público, um lugar para apresentações musicais, projeção de filmes, ensaios fotográficos, gravação de vídeos, atendimentos terapêuticos, lançamento de livro. No jardim, os artistas que trabalham já fizeram sessões de tarô, dançaram, namoraram, acenderam fogueira, fizeram piquenique. Aqueles que moram, não precisam apresentar propostas nem resultado de trabalho. Apesar de parecer, a casa não é uma residência artística nos moldes tradicionais. O que existe aqui foi feito por uma rede e permanece pelo afeto.

“Parabéns pelo seu espaço!” “Não, aqui não é um ‘espaço’, é minha casa. Pode não parecer uma casa, mas é a única coisa que este lugar sempre foi e é!”

Essa falta de critério, que prefiro chamar de indeterminância, nunca foi um “descuido”. Logo no início, descobri que era preciso respeitar a trama dessa rede e o ímpeto com que ela foi e vai se construindo, e que qualquer intenção minha, empregada para esse fim, tira a sua força.

A Casa Líquida, como ação performativa, a meu ver, e as particularidades que por meio dela este lugar conquistou, instaura condições para que se construa uma rede diversa e um ambiente propício para que relações se estabeleçam, e trocas aconteçam, ou como propõe Manning com sua *Política do toque*, um lugar onde novos corpos possam se inventar e criar mundos.

Para que isso seja compreendido, precisamos voltar ao conceito de sujeito/indivíduo.

Se conduzirmos nossa reflexão por meio do pensamento de alguns autores, que como Manning, compreendem o mundo e o que nele existe não como algo acabado e pronto, com contornos e formas definidas, mas como uma “comunidade de movimentos” (BERGSON,

2013, p. 25), um fluxo processual; é impossível pensar o indivíduo e o corpo como algo impenetrável e estabilizado. Pelo contrário, pensar dessa forma é partir da ideia de que corpos não são substâncias, mas são as relações que eles fazem entre si.

Como explica a professora e pesquisadora Christine Greiner:

Se pensarmos indivíduos e culturas de um ponto de vista não substantivo, a própria noção de *outro* torna-se fictícia, porque a dicotomia entre eu e o outro não existe de fato, a não ser como resultado dos dispositivos de poder que apostam nas identidades congeladas, negligenciando as transindividuações propostas por Simondon. De acordo com esse autor, a ação transdutora aciona um processo através do qual o ser esta sempre defasado de si mesmo e se constitui no coletivo, justamente em relação àquilo que é díspare (GREINER, 2017, p. 41).

Então, se nos constituímos através do outro, se nos atualizamos no outro, e só somos *com* ele, “não existe um sujeito fundador, separado de outros sujeitos e objetos” (GREINER, 2017, p. 42). Portanto, libertarmos todos os corpos da relação de poder que se instaura quando se entende relações com a existência de um sujeito e um objeto. Isso me ajuda a compreender o tipo de pesquisa que faço aqui; me faz entender em que dimensão política essa ação conceitual atua e que força ela tem.

A *Política do toque* de Manning aposta num corpo que pelos sentidos excede seus limites corpóreos e atua no mundo. Atua de tal forma a mudar o “espaço-tempo” no qual ele se insere, a partir da relação que ele inaugura.

Isso pressupõe um conceito amplamente alterado de tempo e espaço. Enquanto no modelo ativo-passivo de senso comum, o tempo e o espaço estão localizados como significantes estáveis nos quais o corpo entra, dentro de um modelo relacional, o espaço e o tempo são qualitativamente transformados pelos movimentos do corpo. O corpo não se move no espaço e no tempo, cria espaço e tempo: não há espaço nem tempo antes do movimento² (MANNING, 2007, p. 13).

Portanto, tenho certeza que o ambiente que se instaurou no lugar onde moramos foi possível pela ação que abriu a casa para uma coletividade, mas se construiu com e por essa mesma coletividade. Um ambiente que propicia o “toque” e que só existe por causa da criação de um outro espaço-tempo, que a relação de todos esses corpos que por aqui passam criam.

² Tradução livre de: “This presupposes a vastly altered concept of time and space. Whereas in the active-passive commonsense model, time and space are located as stable signifiers into which the body enters, within a relational model, space and time are qualitatively transformed by the movements of the body. The body does not move into space and time, it creates space and time: there is no space and time before movement” (MANNING, 2007, p. 13).

Este e-mail recebi de um artista que esteve na nossa casa por vinte dias ensaiando um espetáculo:

Julia querida,

Li muito sobre a confiança, mas desisti dessa palavra ao longo do tempo. Talvez, porque procurasse por provas. No dia em que você nos entregou a chave de sua casa para ensaiarmos *Domínio público*, parei de ler.

A primeira foto que fiz em seu jardim foi com os pés na terra.

Na França, vivo em apartamento; no Brasil, no apartamento de meus amigos.

Em nosso último encontro, não havia mais como escapar de nós. Você abriu os caminhos da noite. Entendeu que o que nos faltava (e principalmente a mim) era a infância.

Tranquei minha infância na escola, inventei um adulto que subtraí. E, naquela noite, foi ela quem tomou a vez.

Encontrei na Casa Líquida um refúgio. Sua casa escorre nestes dias seguintes, foi nela que ressignifiquei o passado.

Com amor,

W.

O “toque”, conceito que Manning constrói para nomear o movimento que o corpo faz em direção ao outro até alcançá-lo, possibilita a criação de novos corpos e, conseqüentemente, de outros mundos. Como explica a autora:

Esta produção é relacional. Eu estendo a mão para tocá-lo a fim de inventar uma relação, que por sua vez irá me inventar. Tocar é se envolver no potencial de uma individuação. Individuação entendida como a capacidade de vir a ser além da identidade. Nos individualizamos inventivamente (MANNING, 2017, p. 15).

O e-mail acima explicita um pouco o quão complexo é deixar se tocar e ser tocado. Eu me reinvento e ressignifico a minha vida em todas as relações que mantenho aqui. Eu me atualizo no outro com quem me encontro no jardim. São aqueles que entram pelo meu portão que me colocam “no jogo”, e que me lembram que estou viva.

Há um ano e meio entendi que a pesquisa que estava fazendo merecia uma abordagem mais política. Na minha iniciação científica, eu tinha refletido sobre como um lugar como este influencia no processo de criação artística dos artistas que trabalham aqui; mas começou a

ficar claro que a segunda etapa da pesquisa deveria ser sobre como nós todos éramos e somos impactados por essas relações que se estabelecem dentro da casa.

Para que isso ficasse mais evidente, comecei a convidar pessoas para morarem com a gente. Queria entender como daria essa contaminação dos novos moradores com nós três e com a rotina da casa. Assim veio a Bianca e depois o João.

A Bianca ficou conosco por seis meses, morava e usava a sala de ensaio toda quarta-feira à tarde. Durante esse tempo, ela criou uma performance. No dia em que foi embora, apresentou seu trabalho para nós e para alguns amigos. Ela morava metade da semana com os pais e metade com a gente. Não foi uma convivência tão radical porque ela não passava o tempo todo em casa, mas havia uma movimentação diferente, percebíamos uma mudança de energia e então comecei a entender o quão imprevisível poderia ser esse convite e quanto isso poderia influenciar a minha vida e a das crianças.

“Quando te toco, não conheço a experiência dentro de uma narrativa preconcebida. Tocar é nos abrir para uma história que ainda não ouvimos, para um trabalho não trabalhado, uma narrativa sem começo e fim”³ (MANNING, 2017, p. 13).

Depois da Bianca, chegou o João. O escolhi por intuição. Entendi que ele poderia nos trazer algo novo e previ que sua presença poderia inspirar os meninos; Antonio, na época com oito anos, e Heitor, com doze.

Expliquei para ele o projeto da Casa e o convidei para morar com a gente por seis meses (o que acabou virando um ano). Recebi um “sim”, mas só com o tempo entenderia o quão imenso esse “sim” era, e o quão violento ele também poderia se tornar.

Erin Manning nos atenta para essa violência:

A violência do conceito é o que está em jogo aqui. Uma política do toque é violenta em sua própria articulação. É violento porque rasga o tecido da política do estado para indagar sobre a relação entre o toque e a violência. É violento porque levanta questões sobre como o errar em direção à experiência poderá nos conduzir ao incognoscível⁴ (MANNING, 2007, p. 69).

³ Tradução livre para: “To touch is to open us to a story we have not yet heard, to an unworked work, a narrative without a beginning and an end” (MANNING, 2017, p. 13).

⁴ Tradução livre para: “The violence of the concept is what it at stake here. A politics of touch is violent in its very articulation. It is violent because it tears the fabric of state politics in order to ask about the relation between touch and violence. It is violent because it raises questions about how erring toward experience must lead toward the unknowable” (MANNING, 2007, p. 69).

Safatle também fala de uma certa violência que é necessária e diz respeito a uma transformação inerente à experiência:

Há uma violência produzida pela vida pulsional que se manifesta através da abertura à contingência, à indeterminação e à despossessão. Uma sociedade cujos sujeitos não se abrem a tal violência é composta de formas de vida divorciadas do que lhes permitem se mover. Nem todas as violências equivalem-se em sua destrutividade (SAFATLE, 2015, p. 34).

O toque é violento porque é irreparável.

A presença do João alterou muito nossa rotina, convidou-nos a um outro ritmo. Alterou os cheiros e os sons. Mudou minha relação com a casa, com as crianças, das crianças com a casa.

Ele também nos trouxe muitos outros moradores: sempre tinha um amigo seu dormindo na sala, cozinhando ou usando o jardim. Compartilhamos muitas refeições e vivências na mesa da cozinha. Pelo João conhecemos outros mundos, e por meio deles aprendemos a ser o que ainda não sabíamos que éramos.

Quando li o *Políticas do toque*, compreendi muito bem o que nos acontecia. Sobre esses “novos” corpos que a autora afirma surgirem da relação que empreendemos com o outro. Quando as diferenças ativam as reflexões e novos mundos se tornam possíveis.

A relação que se deu entre todos nós engendrou outro espaço-tempo. Produzimos um outro lugar. Onde nossos corpos experimentavam outras experiências e nelas outras formas de percepção.

Manning explica que quando eu toco alguém, eu coloco ambos dentro de um sistema, chamando a atenção para o espaço-limite entre a minha pele, a sua pele e o mundo. E esse ato de engendrar reformula a matéria dos corpos, assim como sua forma.

Isso acontece através de um “campo de força” que é liberado no ato de alcançar o outro, que qualitativamente altera o espaço e o tempo na relação entre os corpos. Esse campo de forças é tão concreto quanto virtual. Como prática de relação, o toque alcança uma exposição de matéria e forma como estados processuais⁵ (MANNING, 2017 p. 87).

⁵ Tradução livre para: “This happens through a “force field” which is released in the act of reaching-toward that qualitatively alters the space and time in the relation between bodies. This field of forces is as concrete as it is virtual. As a practice of relation, touch reaches toward an exposition of matter and form as processual states” (MANNING, 2007, p. 87).

Durante esses três anos, colhi fotos, vídeos e áudios meus, das crianças e dos artistas. Os áudios das crianças eram sempre colhidos às escondidas a despeito de não perder uma certa espontaneidade que julgava “bonitinho”; mas quando descobertos, sempre despertavam indignação, e eu quase sempre era obrigada a apagar o que havia gravado. Os áudios dos artistas são sobre seus processos de criação, e os meus sobre meu processo de pesquisa.

Em um dos meus áudios, colhido no dia 07/10/2017, eu concluo:

Eu acho que a gente tá... neste movimento de estar junto, a gente tá descobrindo um poder... um poder de se constituir com o outro, o outro, o outro, o outro... e todos serem. Eu acho que a gente tá descobrindo um valor, uma magia que não é mesurável em estar junto.

Depois de algum tempo, entendi de que “poder” estava falando. Em um dos livros da Christine Greiner, ela escreve assim: “Somos mais *divíduos* do que *indivíduos*, porque nos constituímos *transindividualmente* — como já propunha Simondon — e a moeda do individualismo é a intensidade e não a satisfação. É na intensidade que está o poder [...]”. (GREINER, 2017, p. 151)

Quando leio, vejo poesia

Coletar imagens e relatos durante três anos me proporcionou olhar e escutar essa experiência muitas vezes, e observá-la com um certo distanciamento quando se tratava de registros feitos há um, dois ou três anos. E nesses registros, não separar a rotina familiar das outras rotinas que foram existindo na casa possibilitou um tipo de material indisciplinar, sem categorizações, que por conta da arquitetura de uma rede propicia conexões inusitadas.

Cruzar fotos de rotinas e épocas distintas, com áudios de várias pessoas em anos diferentes, engendra conversas que eu nunca poderia prever. Fabulações possíveis, mas inimagináveis por nós. Informações que se cruzam e se transformam em outras. Imagens e palavras que compõem um pensamento.

Abaixo separei quinze fotos e compus com recortes de áudios de artistas e moradores da casa, sobre seus processos de criação, de pesquisa e em conversas cotidianas. As conexões que fiz propiciam outras, os pensamentos compostos inspiram outros modos de configuração para quem os lê.



Heitor tirando uma foto no muro grafitado em 16/03/2018.

“Só se houver paixão vai haver magia” (Eu, sobre o processo de pesquisa em 05/01/2017).



Apresentação do núcleo de improvisação da Zélia Monteiro em 16/10/2017.

“... e é muito linda esta metáfora que ela faz... da porta, de uma porta que tem que atravessar... sabe? Eu acho muito lindo isso... Pra cada porta o que que tá, né? O que tá pra lá?” (Maria Laura sobre seu processo de criação em 06/07/2017).



Vista da casa em 12/10/2016.

“Esse eu passei dois fios de nylon e queria experimentar passar outros fios pra ver... porque dá umas ondas... e fica um som meio duplo... fica uma outra textura. Se fosse só um fio ficaria só uma nota, um ruído, é diferente de tudo junto” (Bella sobre seu processo de criação em 10/08/2017).



Wagner, Bete e Sofia dançando na sala em 20/03/2018.

“É muito difícil isso tudo, muito violento, sabe? Tudo isso que a gente tem que fazer pra organizar nossa vida pra viver como um artista, é muito violento, muito violento” (João cozinhando em 12/11/2017).



Paulo no ensaio do núcleo de improvisação 05/08/2016.

“... quando você tá escalando você é segurado por uma corda, então você nunca chega no chão, o fim da queda é sempre uma suspensão ...” (Bianca sobre seu processo de criação em 19/04/2017).



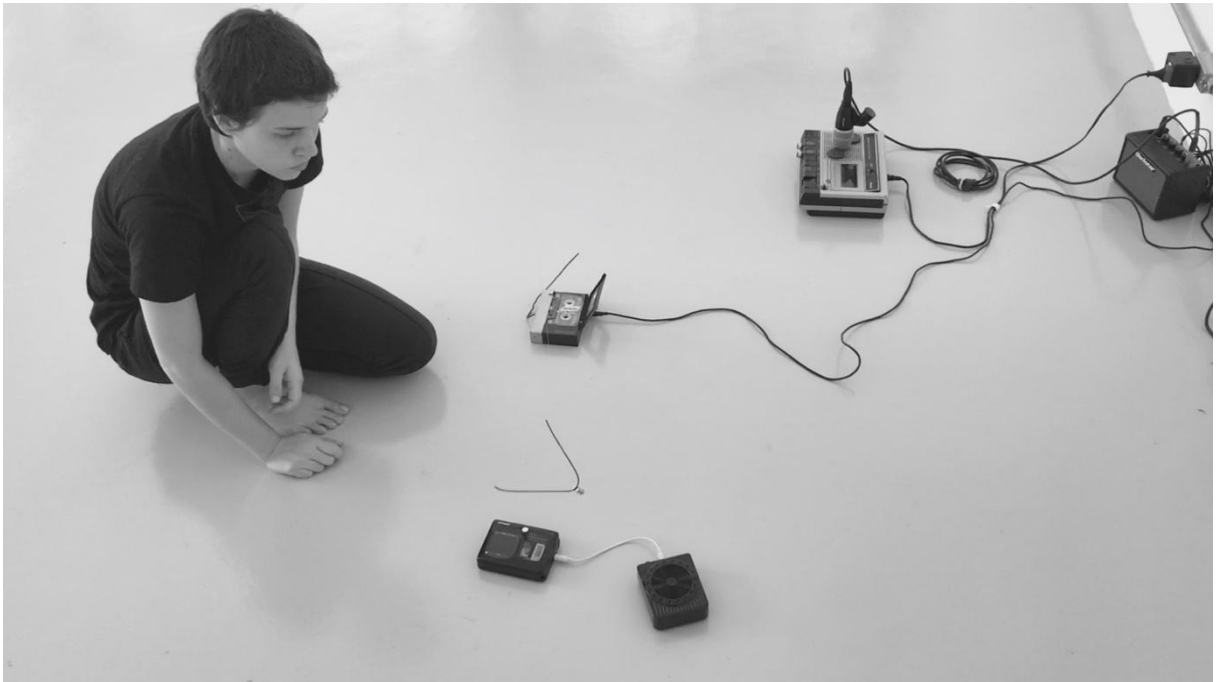
João no dia em que chegou na casa em 10/08/2017.

“Ô, mãe, né que a gente quando tá trancado numa porta sem nada, ela fechada... né que a gente se sente muito cansado? Eu acho que a gente puxa a energia de fora...” (Antonio na mesa de jantar em 21/11/2016).



Heitor e Antonio no jardim em 08/06/2016.

“... eu perguntei: aquela árvore que fica no meio do jardim, a maior de todas? Não acredito que aquela árvore caiu... eu fiquei muito sem acreditar naquilo, porque era como se a casa não pudesse existir sem a árvore...” (Eu, sobre o processo de pesquisa em 14/05/2018).



Bella pesquisando sons no seu ensaio semanal na casa em 23/09/2017.

“O que eu percebo é que quanto mais eu estou naquilo que está acontecendo naquele instante, mais forte eu fico” (João na mesa do jardim em 26/11/2018).



Maikon ensaiando *Domínio Público* em 19/04/2018.

“Acho que a pessoa que mais fez coisas na terra foi o Leonardo da Vinci. Ele era pintor, escultor, arquiteto, geólogo, músico, pintor, aqueles caras que observam a Terra, observam o mar, cientista, inventor... ele era umas 15 coisas...” (Heitor, na mesa da cozinha, em 20/04/2017).



Bete comandando o ensaio de *Monstra* em 13/03/2017.

“A Mona Lisa não é uma mulher, é muito mais do que isso, ela é um arranjo calculado de óxido de manganês e ferro, óleo de linhaça, cera de abelha, lápis lazuli, trebenteli e éter de petróleo. Da Vinci usa mais de trinta camadas de tinta...” (Maikon ensaiando seu texto em 19/04/2018).



João ensinando parada de cabeça ao Heitor e Antonio em 20/09/2017.

“A gente colocava as plantas para dormirem com as outras plantas...” (Bete sobre seu processo de criação da *Monstra* em 24/03/2017).



O jacarandá que caiu com a tempestade sendo cortado em 03/02/2018.

“... aí a gente acabou vendo (risos) a potência de verdadeiramente encontrar... e começamos a nos perguntar: será que nossa proposição não é muito autoritária?” (Clarissa sobre seu processo de criação em 15/05/2017).



João performando em 09/12/2017.

“Corpo ativo, palavra que descansa no burburinho da mente” (Anna sobre seu processo de criação em 10/04/2016).



Heitor e Antonio brincando em 12/11/2015.

“Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Um, dois, três, quatro, cinco. Um, dois, três, quatro. Um, dois, três. Um, dois. Um. Ah, estou exausta!”
(Marina no aquecimento para seu grupo de estudos em 17/10/2016).



Christine e Erin no encontro promovido pelo SenseLab em 01/12/2017.

“A gente teve um momento de liberdade muito profundo junto com essas mulheres...”
(Bete sobre o processo da *Monstra* em 13/03/2017).

A Casa é um conceito

“O Toque não é agarrável como um conceito estável. A única coisa que se pode agarrar, momentaneamente, são suas invenções”⁶ (MANNING, 2007, p. 14), diz Manning sobre o conceito que ela desenvolve no livro *Políticas do toque: sentido, movimento, soberania*.

Ela diz “is not graspable”, não podemos pegar, é algo fluido, não estável. Somente podemos entender “suas invenções”, o que ele produz, o que desencadeia.

Fico pensando no que a Casa Líquida se transformou com essa experiência e arrisco dizer que a Casa é um conceito, e um conceito fluido também. Não consigo apanhá-la da experiência, segurá-la, apreendê-la com a razão. Se eu a enquadrar ela não mais será aquilo que tento explicar, e perderá a força. Mas ela é um conceito na medida que ela é um instrumento. Ela opera na realidade e engendra outras possibilidades de mundo, outras possibilidades de corpo. Ela inventa outra ideia de casa, de mãe, de filho, de lar, de arte, de artista, de valor, de troca, de confiança, de amizade, de amor...

No livro *Leituras do corpo no Japão*, a autora Christine Greiner, para trabalhar a noção de “cadeias perceptivas”, usa uma hipótese do filósofo Alva Noë na qual afirma que “os conceitos não são formulações necessariamente verbais e nem tampouco produtos exclusivos da filosofia” (GREINER, 2015, p. 163). Segundo Noë, o “movimento pode ser considerado um proto-conceito acionador do pensamento” (GREINER, 2015, p. 163).

Se considerarmos a proposição de Noë, fica mais claro entender a Casa Líquida como um conceito fluido, visto que a casa, junto a tudo que a compõe, é movimento, um movimento com vários vetores. A Casa é intensidade que aciona pensamento.

Erin Manning, nove anos depois de ter pensado em uma política do toque, escreve um livro intitulado *O gesto menor*, no qual apresenta outro conceito que a meu ver tem uma conexão muito clara com o que a Casa Líquida como experiência instaura, e como conceito convida.

Esse “gesto menor” — que é dito menor não por ser menos potente, mas por ser difícil de perceber — é uma força que penetra nas grandes estruturas sociais e políticas, afrouxando

⁶ Tradução livre para: “Touch is not graspable as a stable concept. The only thing we can grasp, momentarily, are touch’s inventions” (MANNING, 2007, p. 14).

sua integridade e problematizando seus padrões normativos. Podemos dizer que é a partir dos gestos menores que se inauguram movimentos que irão desestabilizar o que está firmado dentro de uma macro-política e que irão iniciar uma mudança.

Enquanto os grandes gestos da macro-política resumem mais facilmente as mudanças que ocorreram para alterar o campo, são as tendências minoritárias que iniciam as mudanças sutis que criaram as condições para isso e para qualquer mudança acontecer⁷ (MANNING, 2016, p. 1).

O “menor” tem uma indeterminância, uma mobilidade, não tem uma estrutura fixa, pré-determinada, ele é aberto para o fluxo. O “menor” tem uma “condição selvagem”, que é vista como uma falta de rigor, uma fraqueza. Sua falta de solidez é vista como falta de consistência, e por isso, muitas vezes, na interação com o maior é esquecido, desprezado. Isso é sua desvantagem, mas também sua maior força. Não ter uma estrutura preexistente, uma determinada métrica, faz o “menor” ser fora do seu tempo, extemporâneo, aquele que inventa seu próprio pulsar. Por isso, o gesto menor é incapturável e, assim, incorruptível.

O conceito de “menor” já tinha sido apresentado antes na obra de Gilles Deleuze e de Félix Guattari, quando dissertam sobre uma “literatura menor”, refletindo sobre a obra de Kafka.

Segundo os autores, essa literatura se desvia do olhar soberano do “autor” — que como nas “grandes literaturas” usa do ambiente social somente como pano de fundo —, amplificando questões individuais e arrastando o leitor para uma reflexão política. Uma literatura que provoca deslocamento, escancara questões comuns e cria campos políticos. “Escrever como um cão que faz um buraco, um rato que faz a toca” (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p. 42).

“Aquilo que no seio das grandes literaturas, actua em baixo, e constitui uma cave não indispensável do edifício, passe-se aqui à luz do dia; o que ali provoca uma confusão passageira aqui leva simplesmente a uma sentença de vida ou morte” (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p. 39).

⁷ Tradução livre para: “While the grand gestures of a macro-politics most easily sum up the changes that occurred to alter the field, it is the minoritarian tendencies that initiate the subtle shifts that created the conditions for this, and any change” (MANNING, 2016, p. 1).

No prefácio da edição portuguesa de 2003 do livro *Kafka, para uma literatura menor*, o tradutor Rafael Godinho atenta para uma característica do “menor” que é indispensável para entender a gênese da sua força:

A minoria não é definida pelo número mais pequeno mas pelo afastamento, pela distância em relação a uma dada característica da axiomática dominante. Em termos matemáticos, a minoria constitui um conjunto vaporoso não enumerável, cujos elementos, que são multiplicidades, possuem uma relação rizomática. Contrariamente, a maioria é sempre assimilada à categoria da representação, ou seja, está integrada numa generalidade normalizadora e identificatória. (DELEUZE/GUATTARI, 2003, p. 15)

O “menor” não se caracteriza menor pelo seu número, mas por sua distância conceitual do maior, do dominante. O maior, para se manter maior, precisa de uma hegemonia, não admite a diferença, porque ela o desmantela. O menor, pela rede, transforma a diferença em singularidades potentes e garante sua força.

Identifico a Casa Líquida, isto é, o que a ação se transformou depois de três anos, o que resultou dessa experiência, o que arrisco entender como conceito, como um “gesto menor”, e localizo aí sua dimensão política.

A Casa é uma micropolítica. É uma “chave menor” que abre janelas e ventila ideias. Ela é líquida e compromete a solidez daquilo que teima em não mudar.

Não existe o fim

O que posso inferir desse punhado de reflexões é que tudo começou com uma ação que por si só já produz uma inflexão, um desvio: perder o medo e se abrir ao outro.

Junto a essa ação, por decisões tomadas a partir da experiência, agregaram-se outras ações, que pelo seu contexto político, social e econômico são tão dissonantes ou mais que a primeira: 1) romper com a lógica “eu dou para receber algo em troca” e banir a supremacia da troca monetária; 2) não permitir uma solidez e uma imobilidade quanto à forma e conteúdo do lugar em que a casa vai se transformando.

A meu ver, esses ingredientes associados à essa ação originária produz um caldo, gera um ambiente com características e condições ideais para que novos corpos se engendrem, produzam novas ideias e outras possibilidades de existência. Logo, outras políticas.

Essas condições específicas, ativadoras do encontro, esse caldo que propicia outras subjetivações, essa poção mágica que tal experiência se tornou é que penso ser um conceito. É um conceito fluido, que não consegue se traduzir em palavras e ser aprisionado na razão. Um conceito que funciona e pode ser compreendido somente em movimento. A Casa Líquida não se explica, mas se experimenta. Isso não significa que esteja alimentando a separação entre teoria e prática, entre pensar e fazer, mas sim, que estas separações se tornam completamente inadequadas. É ao experimentar que conseguimos pensar.

E essa experiência não acabou. Há dois meses, consegui enxergar que existe também uma dimensão econômica nessa ação que efetua na casa. O que parece óbvio levou quase três anos para ser atinado por mim. Talvez porque minha atenção estivesse em outras questões, meu olhar entretido em outros ângulos. Agora está claro que a pesquisa pede uma outra guinada, aventurar-se por outros caminhos tornou-se inevitável.

O fato de eu não cobrar pelo uso da sala de ensaio ou do quarto que ofereço aos moradores possibilita um outro fluxo do dinheiro. Promove outro movimento. A Carina, que desenvolve uma espécie de terapia alternativa e atende a pacientes na casa há dois anos, relata que o fato de não pagar pela sala possibilita a ela estender sua pesquisa para outro estado. Ela utiliza esse dinheiro economizado para pagar locomoção e despesas pessoais quando vai ao Rio de Janeiro. O João, que morou aqui por um ano, resolveu gastar o dinheiro do aluguel em cursos e aulas de dança.

Fica evidente que há uma mudança de curso e um escoamento desses recursos. Mas o que isso significa? O que podemos vislumbrar e criar a partir dessa constatação?

A pesquisa está se transformando porque o objeto também está e novas metodologias serão criadas para investigar a nova configuração que se cria. A pesquisa lida com o desconhecido e está aí a beleza do seu processo.

O que escrevo nestas páginas é sobre aqueles momentos em que esse desconhecido se tornou conhecido para mim. Sobre os breves momentos em que pude olhar e organizar com a razão o que se passava em nosso entorno e dentro de nós. Como explicito no começo, essa foi uma escrita muito mais *sob* uma experiência do que *sobre* ela. Ou como sugere Erin Manning, esta pesquisa foi o meu “making-thinking”, o meu “fazer-pensar”, minha escrita-pensamento que, ao mesmo tempo em que organizava o que acontecia, fazia acontecer.

Há alguns dias, lembrei-me de como surgiu esse nome com o qual, depois de algum tempo, nomeei a ação que originou essa experiência. Foi um entendimento que se deu numa condição semiconsciente, naquele instante entre o sono e o despertar, no dia primeiro de janeiro de 2015. Eu abri os olhos e pensei: “casa líquida”. Foi antes de tudo, antes de pensar na performance, na pesquisa, foi uma ideia que surgiu naquela manhã num quarto em frente ao mar. Hoje penso que faz tanto sentido. Uma casa-movimento, que não pode ser represada porque perde sua função original de ser aquilo que escorre. O líquido que perfura na sua insistência, que desestrutura por ser delicado, que invade por ser disforme. Uma casa líquida que foge pela fresta. Uma casa sonho que fica no corpo. Uma casa imprópria.

Relação dos projetos acolhidos pela Casa Líquida

1) Projeto: “MONSTRA. Coreografia-colagem para pessoas e plantas”

Artistas envolvidas: Manuela Eichner, Elisabete Finger, Bárbara Elias, Danielli Mendes, Patrícia Bergantyn, Mariana Costa e Josefa Pereira.

Proposta e tempo de uso da casa: “MONSTRA” é um projeto de performance, criado pela artista visual Manuela Eichner e pela performer e coreógrafa Elisabete Finger em colaboração com as bailarinas citadas acima. Elas criaram a performance inteiramente na Casa, numa residência que durou dois meses.

2) Projeto: “Dizer Fazer”

Artistas envolvidos: Bruno Levorin, Haroldo Saboia, Felipe Stocco e Clarissa Sacchelli.

Proposta e tempo de uso da casa: o coreógrafo Bruno Levorin e o fotógrafo Haroldo Saboia orientaram por duas semanas os bailarinos Felipe e Clarissa, no começo de uma pesquisa em dança que tenta aproximar os dois verbos que dão título ao projeto.

3) Projeto: “Um corte no externo”

Artista envolvida: Joana Junqueira Barros.

Proposta e tempo de uso da casa: Joana é performer e artista visual; há oito meses frequenta a casa todas as quintas-feiras à tarde para pesquisar caminhos para sua performance. Dessa forma, ela ainda está em processo na casa.

4) Projeto: Pesquisa em dança.

Artista envolvida: Marina Tenório.

Proposta e tempo de uso da casa: Marina é bailarina e está ensaiando um solo ainda sem título. Ela frequenta o espaço às quartas-feiras de manhã, há dois meses. Ainda está em processo na casa.

5) Projeto: “Torpor”

Artistas envolvidos: Nana Yasbek, Anna Turra, Flora Belotti, Rogério Pinto, Camila Cohen, Evandro Cavalcante, Felipe Aidar, Hélio Toste, Henrique Figueiredo, João Victor Toledo, Klarah Lobato, Lucas Corbussi, Maria Eduarda Machado, Monalisa e Fabrício Licursi.

Proposta e tempo de uso da casa: esse grupo, todo formado por alunos e ex-alunos da EAD, frequenta a casa há sete meses. Eles trabalham na construção de um texto próprio, que será montado e dirigido por eles até o final do projeto. O grupo ainda está em processo na casa.

6) Projeto: Núcleo de improvisação.

Artistas envolvidos: Zélia Monteiro, Ernesto Filho, Flavia Scheye e Paulo Carpino.

Proposta e tempo de uso da casa: a bailarina Zélia Monteiro usou a casa por dois dias em ensaio para um espetáculo com seu núcleo de improvisação.

7) Projeto: “Palavras na casa”

Artista envolvida: Anna Zêpa.

Proposta e tempo de uso na casa: Anna é escritora e atriz; usou a casa por três meses para escrever seu livro de contos intitulado *Palavras na casa*. Além da escrita, ela experimentava chegar a estados corporais por meio de exercícios de dança, que a ajudavam na sua composição.

8) Projeto: “Vídeo Oto Gris”

Artistas envolvidos: Davi Serrano, Jonas Gomes, Victor Bluhm, Klaus Sena, João Leão, Igor Caracas e Pedro Barreira.

Proposta e tempo de uso da casa: a banda cearense “Oto Gris” ensaiou na casa por três meses as músicas do seu primeiro disco e gravou em vídeo esses ensaios.

9) Projeto: “No coração das máquinas”

Artistas envolvidas: Janaina Suaudeau, Nicole Cordery, Manuela Afonso, Anna Zêpa, Renata Roberta, Samya Enes, Thaia Perez e Rita Carelli.

Proposta e tempo de uso da casa: a atriz Rita Carelli escreveu o texto dessa peça e dirigiu as atrizes acima citadas. Elas ensaiaram por três meses na casa, do início ao fim do processo.

10) Projeto: “A Dor”

Artistas envolvidos: Rita Grillo, Vanessa Bruno e Lívia Vilela.

Proposta e tempo de uso na casa: a diretora Vanessa Bruno ensaiou a atriz Rita Grillo para o monólogo, três vezes por semana, por três meses. Lívia orientou o trabalho corporal.

11) Projeto: “Sutiliz[ação]”

Artista envolvida: Carina Sehn.

Proposta e tempo de uso na casa: Carina é performer e faz, periodicamente, atendimentos em grupos e individuais na casa. Sua pesquisa busca descobrir elementos que possam sensibilizar o corpo do outro e deixá-lo mais aberto e disponível às afecções.

12) Projeto: “Nós, os outros ilesos”

Artistas envolvidos: Fernanda Raquel, Carolina Mendonça, Rodrigo Bolzan, Lucia Bronstein e Rodrigo Andreolli.

Proposta e tempo de uso na casa: o grupo usou por cinco dias a casa para ensaiar seu espetáculo que é baseado em texto do dramaturgo japonês Toshiki Okada.

13) Projeto: “Estamos aqui ao vivo”

Artistas envolvidos: Thalles Cabral, Daphne Bozaski e Renata Pinto.

Proposta e tempo de uso na casa: o grupo de atores está frequentando a casa há seis meses, uma vez por semana, para criar o texto de um espetáculo teatral e ensaiá-lo.

14) Projeto: “A égua”

Artistas envolvidas: Patrícia Bergantyn e Josefa Pereira.

Proposta e tempo de uso na casa: as bailarinas estão em processo na casa há um mês para ensaiar, duas vezes por semana, a coreografia criada e performada por elas.

15) Projeto: “Pas Ce Soir”

Artista envolvido: Ernesto Filho.

Proposta e tempo de uso na casa: o bailarino e ator Ernesto Filho já fez por dezesseis vezes, nas paredes da casa, a exibição de seu filme para público geral.

16) Projeto: Fotoperformance

Artistas envolvidos: Murilo Chevalier e Camilo Brunelli.

Proposta e tempo de uso da casa: Murilo é performer e está envolvido em uma pesquisa musical há vinte anos. Ele realizou uma sessão de fotos baseadas nesta pesquisa, na casa, por dois dias.

17) Projeto: “Fica tranquila... Te conto na terça!”

Artistas envolvidos: Ernesto Filho, Julia Feldens, Léo Barbalho e Aline Santini.

Proposta e tempo de uso na casa: eu, um ator e um músico usamos a casa para criarmos a performance e ensaiá-la, por três meses, quatro dias por semana.

18) Projeto: Encontro do coletivo “The Pool”

Artistas envolvidos: Julia Rocha, Joana Ferraz, Beatriz Sano, Eduardo Fukushima e Florian Lenz.

Proposta e tempo de uso na casa: esse coletivo, que se organizou no Festival de Dança Impulstanz, faz seu encontro na casa por um período de duas semanas e abriu processo em março deste ano.

19) Projeto: Grupo de estudos sobre teatro russo.

Artistas envolvidos: João Victor Toledo, Marina Tenório, Ricardo Estevam, Tutti Pinheiro, Lucas Brandão, Gisele Valeri, Marcos Damigo, Débora Vivan, Ana Luisa dos Anjos, Luana Mineoff, Flora Kauntouriotis e Luisa Kokema.

Proposta e tempo de uso da casa: o grupo se encontra há um ano na casa e pretende continuar os encontros pelos próximos seis meses. Abriu processo para o público geral em junho deste ano.

20) Projeto: “Égua”

Artistas envolvidas: Patrícia Bergantin, Josefa Pereira, Aline Santini e Manuela Eichner.

Proposta e tempo de uso na casa: por três meses, duas vezes por semana, as bailarinas se encontravam na casa para criar um espetáculo de dança. “Égua” estreou em maio deste ano.

21) Projeto: Sketchbook para o disco 3 de Anelis Assumpção.

Artistas envolvidas: Anelis Assumpção, Isadora Gallas, Julia Zukoi e Danielle Farnezi.

Proposta e tempo de uso na casa: as artistas usaram a casa por dois dias para compor e fotografar um *sketchbook* para o disco da cantora Anelis Assumpção.

22) Projeto: “O buraco”

Artistas envolvidos: Priscila Maia, Jamil Cardoso, Bernardo Stumpf e Elisabete Finger.

Proposta e tempo de uso na casa: o grupo utilizou a casa por dez dias para reensaiar um espetáculo montado em 2003.

23) Projeto: “Fator de queda n. 3”

Artista envolvida: Bianca Hisse.

Proposta e tempo de uso na casa: Bianca, além de trabalhar, morou na casa por quatro meses, desenvolvendo sua pesquisa e performance intitulada “Fator de queda n 3”.

24) Projeto: “Eu sou essa outra”

Artistas envolvidas: Vera Egito, Maria Laura Nogueira, Rita Gullo e Carla Kinzo.

Proposta e tempo de uso da casa: as artistas estão ensaiando na casa duas vezes por semana e ficarão por mais um mês e meio. Estão adaptando, para o teatro, o texto “Mutações”, de Liv Ullman.

25) Projeto: “Montagem”

Artistas envolvidas: Alessa, Patrícia Bergantin, Josefa Pereira, Barbara Elias e Natália Mendonça.

Proposta e tempo de uso da casa: peça teatral que estão ensaiando na casa, uma vez por semana, há dois meses. Estreia prevista para agosto.

26) Projeto: Instalação sonora ainda sem nome.

Artista envolvida: Bel La.

Proposta e tempo de uso na casa: Bel La ficará na casa por seis meses, utilizando uma tarde por semana, para uma montar uma instalação sonora.

27) Projeto: “Baleia”

Artistas envolvidos: Esmir Filho, Ismael Caneppele, Andrea Beltrão, Marina Lima e Georgette Fadel.

Proposta e tempo de uso da casa: o cineasta Esmir Filho fez, por duas semanas, o dia inteiro, a preparação de elenco do seu filme “Baleia”.

28) Projeto: “APT 2 LAB”

Artistas envolvidos: Thiago Sala, Talita Florêncio e Iago Mati.

Proposta e tempo de uso na casa: os artistas, num fim de semana, recriaram uma performance feita há dois anos e registraram em vídeo todo o processo vivido.

29) Projeto: Gravação de vídeo.

Artistas envolvidos: Banda Kali e Klaus Sena.

Proposta e tempo de uso da casa: a banda, durante um fim de semana, gravou vídeos ao vivo das músicas de seu disco.

30) Projeto: “Boas Garotas”

Artistas envolvidas: Clarissa Sacchelli e Carolina Callegaro

Proposta e tempo de uso da casa: o projeto foi criado pelas duas artistas, que frequentaram a casa por dois meses, para apresentar no VideoBrasil 2017.

31) Projeto: “Pool”

Artistas envolvidos: Joana Ferraz e Florian Lenz

Proposta de uso e tempo na casa: os artistas utilizaram a casa por três semanas e montaram um espetáculo que começou a ser criado numa residência que os bailarinos participaram em Viena.

32) Projeto: Pesquisa sem nome definido.

Artistas envolvidos: Mariana Molinos e Felipe Teixeira

Proposta e tempo de uso da casa: o casal de bailarinos frequentou a casa por cinco meses com o intuito de desenvolver uma pesquisa em dança.

33) Projeto: Grupo de estudos “gestos menores”.

Integrantes do grupo: André Fogliano, Francisco Tentro, Gabriela Acerbi, Jéssica Oliveira e Ernesto Filho.

Proposta e tempo de uso da casa: o grupo de estudos se encontrou por seis meses, uma vez por semana, para leituras e discussões que interessavam à sua pesquisa.

34) Projeto: Pesquisa em dança realizada pelo polo de criação Pérfida Iguana.

Artistas envolvidos: Carolina Callegaro, Renan Marcondes e Cristiano Karnas.

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas usaram a sala por cinco meses para fazer uma pesquisa em dança.

35) Projeto: TCC em dança.

Artistas envolvido: Gustavo Paulino.

Proposta e tempo de uso da casa: Gustavo passou um ano utilizando a casa uma vez por semana para criar o trabalho prático do seu projeto de conclusão de curso.

36) Projeto: Ensaio musical.

Artistas envolvidos: Alessandra Verney e Fernando Nunes.

Proposta e tempo de uso da casa: os músicos usaram a casa por uma semana para ensaiar um trabalho autoral.

37) Projeto: “Do outro lado”

Artistas envolvidos: Vanessa Gerbelli, Patrícia Pinho, Alessandra Verney e Miguel Briamonte.

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas usaram a casa um fim de semana para ensaiar um musical.

38) Projeto: “And”

Artistas envolvidos: João Aleixo e Naiá Delion

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas usaram a casa por três dias para jogos de improvisação.

39) Projeto: “Silêncio”

Artistas envolvidos: Marina Tenório, Marília Persoli, Ana Luiza Anjos e João Victor Toledo.

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas ensaiaram por seis meses, duas vezes por semana, um espetáculo de improvisação em dança.

40) Projeto “Quase show”

Artistas envolvidos: Caio César e Mavi Veloso.

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas ensaiaram na casa por duas semanas uma performance musical.

41) Projeto: Cia mulheres em movimento.

Artistas envolvidos: Otília Françaço e mulheres da Cia mulheres em movimento.

Proposta e tempo de uso da casa: Otília Françaço dirige uma pesquisa sobre psiquismo e dança. Ela utiliza a casa uma vez na semana e ficará na casa por seis meses.

42) Projeto: “Fábula e roda de três amigos”

Artistas envolvidos: Oliver Tibeau, Arthur Berges, Flávio Moraes, Thomas Mussnich e César Baptista.

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas ensaiaram na casa por uma semana um espetáculo teatral.

43) Projeto: “Domínio Público”

Artistas envolvidos: Wagner Schwartz, Maikon K, Renata Carvalho e Elisabete Finger.

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas utilizaram a casa por vinte dias para criar um espetáculo encomendado pelo Festival de Teatro de Curitiba.

44) Projeto: “Cão lá si dó”

Artistas envolvidos: Esmir Filho, Renata Gaspar, Guilherme Magon, Bruno (cachorro).

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas utilizam da casa uma vez por semana para ensaiar uma performance que estreará em novembro deste ano.

45) Projeto: “Com quem você vem?”

Artistas envolvidos: Vovô Bebê, Luiza Brina, Igor Caracas, Daniel Medina e Perola Mathias.

Proposta e tempo de uso da casa: os músicos se conheceram na casa e organizaram um show-improvisação em quatro dias.

46) Projeto: “Dois Fachos”

Artistas envolvidos: Iago Mati, Davi Serrano, Jonas Gomes, Ernesto Filho e Victor Bluhm.

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas visuais e músicos criaram e construíram o cenário de um vídeo e o gravaram em uma semana.

47) Projeto: “Leviatã”

Artistas envolvidos: Iago Mati e Pérola Mathias.

Proposta e tempo de uso da casa: os artistas exibiram vídeos e fizeram um lançamento da sua editora visual na casa em um fim de semana.

48) Projeto: “Tempo”

Artista envolvida: Inaê Moreira.

Proposta e tempo de uso da casa: a artista morou um mês na casa e utilizou a sala para ensaiar um espetáculo de dança.

49) Projeto: “Brilhos negros”

Artistas envolvidos: Aline Belfort, Gabriela Luiza, Soledad, Davi Serrano e Jonas Gomes.

Proposta e tempo de uso da casa: gravação de clipe de uma banda musical, a gravação foi feita em um fim de semana.

50) Projeto: Direção criativa da marca Beira.

Artistas envolvidos: Isadora Galas (diretora criativa) e Livia Cunha Campos (estilista) da marca de roupa carioca “Beira”.

Proposta e tempo de uso da casa: a casa abrigou 13 modelos que fizeram por dois dias prova de roupa e fotos para a criação de um desfile da marca para o São Paulo Fashion Week.

51) Projeto: “Nada acontece”

Artistas envolvidos: Haroldo Saboia, Thany Sanches, Bruno Levorin, Gilmar Fraus, Maite Lacerda, Luan Banzai, Vinicius Possai, Felipe Stocco.

Proposta e tempo de uso da casa: Os artistas ensaiaram uma proposição em dança por dois meses, uma vez por semana.

Eventos acolhidos na casa

- 1) Lançamento do livro *Fabulações do corpo Japonês*, de Christine Greiner.
- 2) Lançamento do livro *O governo do homem endividado*, de Maurício Lazzarato.
- 3) Lançamento do livro *O que os animais nos ensinam sobre política*, de Brian Massumi.
- 4) Lançamento do livro *Hijikata Tatsumi. Pensar um corpo esgotado*, de Kuniichi Uno.
- 5) Lançamento do clipe “Dois Fachos”, da banda Oto Gris.
- 6) Lançamento do clipe “Líquida”, de Tibério Azul.
- 7) Encontro dos professores e alunos do SenseLab, laboratório que estuda arte e ativismo ligado à Universidade de Concórdia.
- 8) Som e movimento. Projeto de improvisação em dança com o músico Thomas Rohrer e a interprete Marina Tenório.
- 9) Som e movimento II. Músicos: Thomas Rohrer, André Damião e a interprete Marina Tenório
- 10) 4disturbance. Apresentação de música experimental com as musicistas Natalia Francischini, Ines Terra, Sylvia Hinz e Bella.

Referências

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Kafka para uma literatura menor**. 2ª edição. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002. 148 p.

DELIGNY, F. **O aracniano e outros textos**. 1ª edição. São Paulo: n- 1 Edições, 2015. 287 p.

FABIÃO, E. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/363740406/FABIAO-Elionora-Performance-e-teatro-poetica-s-e-politicas-da-cena-contemporanea-pdf>, acessado em 05/07/2018.

FEDERICI, S. **O feminismo e as políticas do comum**. Série Pandemia. São Paulo: N-1 edições, 2017. 30 p.

GLUNSBURG, J. **A arte da performance**. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2013. 143 p.

GREINER, C. **Leituras do corpo no Japão**. 1ª edição. São Paulo: N-1 edições, 2015. 224 p.

_____. **Fabulações do corpo japonês**. 1ª edição. São Paulo: N-1 edições, 2017. 160 p.

KATZ, H. GREINER, C. **Arte e cognição. Corpomídia, comunicação, política**. 1ª edição. São Paulo: Anna Blume, 2015. 271 p.

LAPOUJADE, D. **Potências do tempo**. 1ª edição. São Paulo: n. 1 edições, 2013. 98 p.

_____. **William James, a construção da experiência**. 1ª edição. São Paulo: N-1 edições, 2017. 124 p.

MANNING, E. **The minor gesture**. 1ª edição. Durham: Duke University Press, 2016. 288 p.

_____. **Politics of touch. Sense, movements, sovereignty**. 1ª edição. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007. 222 p.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos. Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2015. 507 p.